

ACERVOS E INICIATIVAS DE MEMÓRIA LGBTQIAPN+ NO BRASIL

RENAN MARQUES AZEVEDO DA MATA¹; DANIEL MAURÍCIO VIANA DE SOUZA².

¹Universidade Federal de Pelotas – renanazevedomarq@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danielmvsouza@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As memórias das pessoas dissidentes da norma capitalista-colonialista-patriarcal são atravessadas por silenciamentos e apagamentos sócio-históricos. Suas identidades de gênero, orientações sexuais, origens étnico-raciais, corpos e modos de vida desafiam o discurso hegemônico. São memórias pessoais e coletivas que, apesar de serem subalternizadas, são criadas e recriadas, abrindo espaço para alternativas que questionam as opressões da modernidade ocidental. No Brasil, as lutas das pessoas LGBTQIAPN¹+ não são fenômenos recentes². Esses sujeitos mobilizam processos de apropriação simbólica e ressignificação em torno de suas memórias, que, em quase sua totalidade, não são reconhecidas como patrimônio pelas políticas patrimoniais do Estado. Essas memórias de luta, marcadas por violências, revelam as patologias da ocidentalização e as oportunidades para a emergência de diferenças sistematicamente reprimidas (Castro-Gómez, 2005).

O surgimento de acervos relacionados às memórias e identidades LGBTQ+ no Brasil refletem a emergência de articulações do movimento LGBTQ+ que buscam contar suas histórias a partir de seus próprios termos e aspirações. Este trabalho tem como objetivo mapear parte desses acervos dotados de elementos de patrimonialidade, que pesquisam, preservam e comunicam as memórias LGBTQ+, sem necessariamente seguir a lógica de patrimônio como tecnologia de Estado. Inserida no contexto da pesquisa de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, a investigação busca identificar iniciativas formais e/ou independentes, em instituições públicas ou privadas, contribuindo para o debate sobre a ativação dessas memórias e promovendo uma reflexão crítica sobre as políticas de memória no Brasil e o papel das resistências comuns (Castells, 2018), promovendo novos usos e sentidos do patrimônio e valorizando a diversidade de significados das memórias e identidades LGBTQ+.

2. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho combina uma abordagem exploratória com uma revisão bibliográfica sobre os acervos e iniciativas de memória LGBTQIAPN+ no Brasil. A análise exploratória, segundo Gil (2008), é adequada para pesquisas em

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuados, Pansexuais, Não-binários.

² Xica Manicongo - mulher trans escravizada no século XVI, símbolo da transgeneridade (Jesus, 2019), julgada pela Inquisição por sodomia (termo amplo utilizado na época para descrever uma variedade de comportamentos sexuais considerados desviantes); Tybyra - indígena Tupinambá brutalmente executado pelo Estado colonial brasileiro pelo “pecado de sodomia”, suposta “heresia” para Igreja Católica (Mott, 1994 e Nyn, 2020); Filipa de Souza - nome do primeiro registro de relacionamentos lésbicos ocorridos no Brasil, também, perseguida e acusada pelo sistema judicial católico (Rezzutti, 2019).

áreas que carecem de sistematização teórica e empírica consolidada, permitindo a construção de conhecimento inicial e a formulação de hipóteses futuras. A abordagem revelou um campo diversificado e em expansão, com práticas que variam conforme o contexto dos acervos. A revisão bibliográfica, fundamentada nas propostas de Lakatos e Marconi (2010), destaca a importância de uma análise crítica e sistemática da literatura existente, identificando lacunas e contribuições dos estudos atuais. Além de mapear os acervos e iniciativas de memória, intenta-se chamar atenção para as potencialidades dos patrimônios como instrumento de luta. A integração da abordagem exploratória com a revisão bibliográfica proporciona debates e novas visões sobre gênero e sexualidade a partir da perspectiva das memórias e das identidades LGBTQ+ no Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Museu da Diversidade Sexual - Localizado em São Paulo (SP), o Museu da Diversidade Sexual (MDS) preserva e comunica acervos das referências da memória da comunidade LGBTQIA+. Fundado como Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de SP, o museu busca contar a história da comunidade LGBTQIA+ de forma autônoma, ressaltando a importância de narrativas próprias, fora da norma cis-heteronormativa (Cordeiro, 2023). O MDS também promove³ articulação social, produção de conhecimento e valorização da arte e cultura LGBTQ+, através de ações de inclusão, como o projeto "Museu e Escola" e a publicação do "Guia para Pensar Junto". O museu desenvolve programas de educação para a diversidade e projetos voltados à formação profissional de pessoas LGBTQ+.

Museu do Sexo da Bahia - Fundado em 1996 pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em Salvador, o Museu do Sexo da Bahia é pioneiro no Brasil. Inspirado em museus eróticos de cidades como Amsterdã e Paris, a instituição foi idealizada pelo antropólogo Luiz Mott e pelo historiador Marcelo Cerqueira. O museu coleciona mais de 500 itens de arte erótica, com exposições que abordam temas como: Aids, Informação e Prevenção; Gay América – Latina; Caminhos da Mulher Lésbica; Políticos Brasileiros Travestis e Travestidos; Irã, o Inferno dos Homossexuais⁴, etc.

Acervo Bajubá - É um acervo comunitário de registro das memórias das comunidades LGBTQ+ brasileiras, reunindo itens relacionados à temática da diversidade sexual e da pluralidade de identidades de gênero no país. Fundado por um grupo de pesquisadores, colecionadores, artistas e ativistas, esse acervo é itinerante e já passou por cidades como Brasília e Curitiba, com sede atual em São Paulo. São realizadas exposições colaborativas, oficinas de escrita e xilogravura, coleta de testemunhos, mutirão de catalogação (que ocorre todos os domingos). O objetivo é tornar o acervo acessível para a vida cotidiana das pessoas, não apenas para pesquisadores. Transforma-se constantemente, haja vista que os direcionamentos são dados a partir de uma demanda espontânea de seus fazedores.

³ "Pajubá, a hora e a vez do close", "Artes Dissidentes: o céu que brilha no chão", "Xirê das Yabás", "Quando as lésbicas se levantam" e "Queerentena" são exposições, tanto presenciais quanto virtuais, que narram a história da comunidade LGBTQ+. Elas destacam figuras importantes, a ocupação do espaço público por meio de intervenções artísticas, a cultura das religiões afro-brasileiras sob a ótica de gênero, raça e sexualidade, bem como a celebração da resistência sapatão nos anos 80 e a produção artística durante a pandemia de COVID-19.

⁴(Mott; Cerqueira, 2023)

Museu da Memória e Diversidade Sexual do Cariri - O MMDCariri é um museu digital no Ceará, criado para dialogar sobre memórias e culturas LGBTQ+. Fundado em 2023, ele preserva um acervo voltado à memória LGBTQ+ do Nordeste, e promove exposições como “Multilinguagem de Darcy Penteado”, que destaca a atuação do artista e ativista LGBTQ+ durante a ditadura militar no Brasil. A instituição busca integrar cultura, história e acolhimento, focando em direitos humanos e diversidade sexual.

Coletivo Tybyra - Criado por indígenas LGBTQ+ em 2019, o Coletivo Tybyra promove resistência, acolhimento e diálogo sobre as interseções entre identidade de gênero, sexualidade e questões étnicas - a partir de narrativas ancestrais e contemporâneas. O coletivo articula a luta pelos direitos LGBTQ+ dentro do movimento indígena, publicando em 2024 o "Manifesto Indígena LGBTQIAP+", que enfatiza o respeito às identidades indígenas e aos seus territórios - “Somos múltiplos e estamos trilhando um caminho de respeito e reconhecimento por nosso corpo na mesma intensidade que por nossos territórios”⁵.

Museu de Ocupação e Narrativas do Arouche LGBTQIAP+ - O MONA, localizado no bairro do Arouche, em São Paulo, é um museu comunitário que preserva a memória LGBTQIA+ da região. Surgiu de um projeto colaborativo do Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+, promove exposições e ações educativas sobre a história e a luta por direitos da comunidade LGBTQIA+ do centro de São Paulo. Utilizando o Inventário Participativo, o MONA mapeia as referências culturais LGBTQIA+ locais, preservando a memória e a identidade local.

Acervo de Memória LGBTQIAP+ Jovanna Baby - Criado em 2020, o Acervo de Memória LGBTQIAP+ Jovanna Baby foca nas histórias de resistência de pessoas trans e travestis no Brasil, especialmente através da figura de Jovanna Baby, ativista travesti que fundou a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL)⁶. O acervo resiste aos silenciamentos históricos e sociais, utilizando plataformas digitais como o Instagram para compartilhar memórias e informações sobre a comunidade TLGBQIA+.

Quilombo Urbano Xica Manicongo - Inaugurado em Niterói (Rio de Janeiro), o Quilombo Urbano Xica Manicongo é um espaço de resistência cultural e acolhimento para as comunidades afro-diaspóricas e LGBTQIA+. O projeto oferece atividades culturais, oficinas e promove a preservação da história dessas comunidades. Colaborações com a Universidade Federal Fluminense (UFF) garantem o desenvolvimento de projetos de pesquisa, enquanto o espaço se mantém firme contra a especulação imobiliária⁷. “O objetivo do Quilombo Xica Manicongo é ser um espaço de troca de aprendizados, cura, escuta e busca por autonomia em uma perspectiva africana de resgate da história” (Deister, 2020), afirma Benny Briolly – ativista e primeira vereadora trans a assumir um mandato na Câmara Municipal de Niterói.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho apresenta, de maneira abrangente, acervos relativos às memórias LGBTQIAPN+ no Brasil, abordando tanto iniciativas formais, quanto independentes. Ao explorar práticas de preservação e comunicação do patrimônio LGBTQIAPN+, o estudo amplia as lentes sobre a ausência de políticas de

⁵ Ver mais em <https://apiboficial.org/2024/04/25/manifesto-indigena-lgbtqiap/>

⁶Carvalho; Carrara, 2013. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil.

⁷Mesquita, 2021. Coletivos negro e LGBTQs inauguram quilombo urbano em Niterói, no RJ

memória e valorização da diversidade sexual e de gênero no país, destacando as mobilizações histórico-político-sociais autônomas do movimento LGBTQ+ brasileiro, que enfrenta diversos problemas crônicos. Assim, o trabalho promove uma maior compreensão e visibilidade das iniciativas existentes e contribui para a construção de um patrimônio mais inclusivo e auto representativo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carrara, Sérgio; Carvalho, Mario. Em direção a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, 2013, n. 14, p. 319-351.

Castells, Manuel. **O poder da identidade** (Portuguese Edition). Paz e Terra. Edição do Kindle, 2018.

Castro-Gómez, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, 2005.

Cordeiro, Leila Antero. De Centro de Cultura, Memória e Estudos a museu: concepção do acervo do Museu da Diversidade Sexual. **Acervos e Referências de Memória LGBTQIAP+**. Museu da Diversidade Sexual, 2023.

Deister, Jaqueline. **Quem é Benny Briolly, a primeira vereadora trans eleita em Niterói (RJ)?** Brasil de Fato | Rio de Janeiro (RJ), 2020.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Jesus, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura (ReDoC)**. Rio de Janeiro, 2019

Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Mesquita, Clívia. **Coletivos negro e LGBTQs inauguram quilombo urbano em Niterói, no RJ**. Brasil de Fato | Niterói (RJ), 2021.

Mott, Luiz. Etno-história da homossexualidade na América Latina. “**Seminário-Taller de História de las Mentalidades y los Imaginarios**”, realizado na Pontificia Universidad Javerina de Bogotá, Colômbia, Departamento de História e Geografia, 1994.

Nyn, João - Silva, João Paulo Querino da. **Tybyra : uma tragédia indígena brasileira = Tytyrá : ymã mba'e wai nhandewa regwa pindó reta-re** / João Paulo Querino da Silva ; ilustrações Denilson Baniwa.- São Paulo, SP: Selo do burro, 2020.

Rezzutti, Paulo. **Mulheres do Brasil: A história não contada**. Editora Leya, 2019.